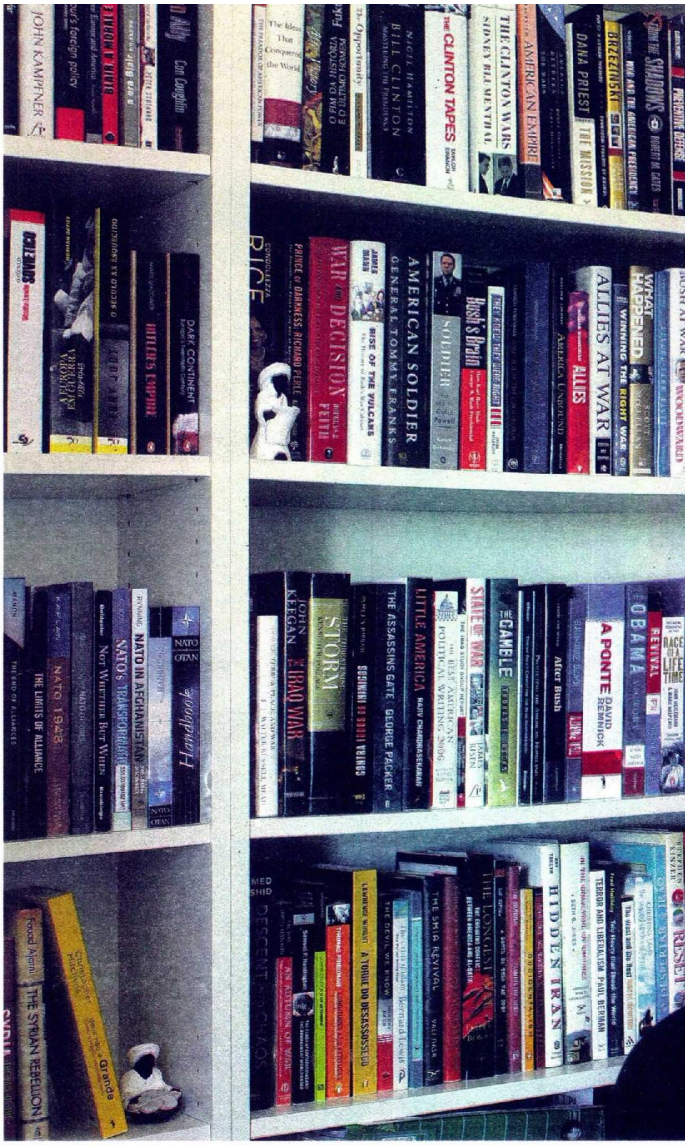
manchete

i	Periodicidade:	Diária	Temática:	Internacional
	Classe:	Informacão Geral	Dimensão:	2049
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
10-12-2014	Tiragem:	80000	Página (s):	28/29

Zoom // Entrevista

Bernardo Pires de Lima. "UKIP está perto da extrema-esquerda europeia"



O membro do Transatlantic Center afirma que David Cameron contesta a União Europeia para se tornar importante aos olhos de Washington

FRANCISCO CASTELO BRANCO
francisco.branco@ionline.pt

Bernardo Pires de Lima, investigador do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa, afirma ao *i* que o resultado das próximas eleições legislativas no Reino Unido é incerto. Na conversa, o especialista em política britânica critica as posições de David Cameron em relação à Europa, mas não encontra em Ed Miliband um primeiro-ministro com capacidade para liderar os destinos do Reino Unido após 2015. Bernardo Pires de Lima fala das virtudes do bipartidarismo.

Como analisa o mandato de David Cameron?
O primeiro-ministro entrou em funções com uma crise internacional em marcha, pelo que teve necessidade de estancar um certo pânico financeiro. As reformas económicas levadas a cabo por David Cameron deram resultado, já que o Reino Unido é o país que mais cresce no G-7. No entanto, continua a ter uma obsessão contra Bruxelas e o fantasma da imigração. Em termos económicos e financeiros, o saldo é positivo, mas não devia ter extremado certas posições. Contudo, a lógica diz-nos que os partidos de direita costumam encostar-se a um certo discurso perigoso e abandonar a batalha da moderação. Em termos de liderança, é telegénico e tem um discurso pragmático, tornando-o muito próximo de Tony Blair, Margaret Thatcher e John Major. David Cameron é muito colegial por força da coligação governamental que tem de gerir, sendo um homem que delega os seus poderes.

Que análise faz das posições europeias do primeiro-ministro?
O afastamento do Reino Unido é mau para a Europa e para a posição portuguesa, porque os britânicos sempre foram aliados de Portugal. O discurso do chefe de governo segue a tradição do Partido Conservador. O primeiro-ministro entende que estar mais longe de Bruxelas significa ser mais importante para Washington. No entanto, os Estados Unidos pretendem que o Reino Unido seja uma voz forte no seio da comunidade europeia. A actual posição de David Cameron é um erro porque corre o risco de ficar numa zona de ninguém e fazer com que o Reino Unido perca os pilares mais importantes da política externa britânica, que consiste em estar no centro de decisão na Europa mas, ao mesmo tempo, ser o aliado preferencial dos Estados Unidos. O discurso de David Cameron também serve para controlar as várias sensibilidades que existem dentro do aparelho. Há outro problema que se chama UKIP. O primeiro-ministro tem sido incapaz de moderar o debate e de propor alternativas às soluções mais radicais do partido liderado por Nigel Farage, estando refém do pânico eleitoral que este representa.

O chefe de governo geriu bem o referendo sobre a Escócia?
A solução encontrada foi optar pela via política, em vez de arranjar argumentos jurídicos para travar a realização do referendo. O problema em torno da Escócia era uma questão política. David Cameron foi a jogo e o processo correu bem. Caso contrário, teria problemas em se aguentar na liderança do Partido Conservador. O próximo desafio do actual primeiro-ministro, caso vença as eleições legislativas, é saber qual será a sua sorte após o resultado num eventual referendo sobre a manutenção do Reino Unido na União Europeia.

A recente deserção de alguns deputados conservadores para o UKIP vai fragilizar a liderança do partido que está no poder?
O problema está no facto de David Cameron ter pensado que os resultados económicos eram suficientes para vencer a eleição. Não há uma grande fuga, até porque no Partido Trabalhista também existem situações semelhantes por causa da força da sua ala esquerda. O líder dos conservadores tem de moderar as posições e resolver os conflitos internos, além de ter de ir buscar um tipo de eleitorado que está a sair do Partido Conservador para o UKIP. Um líder tem de marcar a sua posição porque tem mandato para isso.

Quais as razões para a recente queda de popularidade de Ed Miliband?
O líder do Partido Trabalhista não consegue descolar das sondagens porque tomou conta de um partido dividido após as eleições internas, que teve disputar contra o irmão. Ed Miliband não era o homem desejado pelas elites do partido, embora tenha recuperado alguns sindicatos para a luta política. Não tem as qualidades para ser um bom líder da oposição e futuro primeiro-ministro. Por não ser um grande orador, é uma fraca figura política com uma agenda errada num partido sem coesão interna. Tem tido propostas que foram

> O primeiro-ministro britânico geriu bem o referendo na Escócia, que pode ser uma bandeira nas legislativas

> O facto de o líder da oposição não ter sido desejado pelas elites do partido torna-o uma figura fraca

BI

NOME Bernardo Pires de Lima

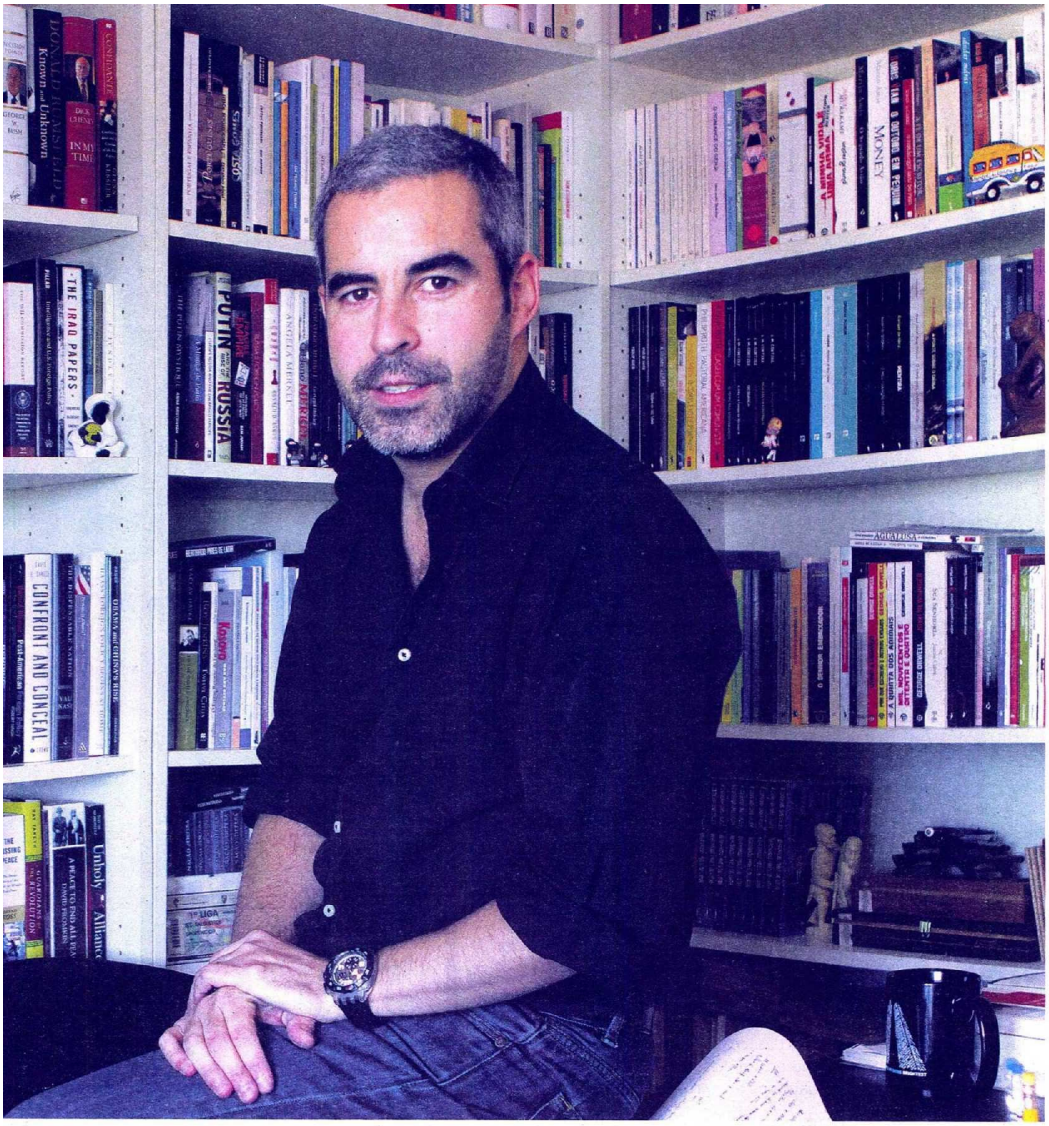
DATA DE NASCIMENTO 19 Julho de 1979

OBRAS Publicou as obras "Blair, a Moral e o Poder" (Guerra & Paz, 2000) e "Cimeira das Lajes: Portugal, Espanha e a Guerra do Iraque" (Tinta da China, 2013)

HOBBIES A paixão pela escrita está em primeiro lugar, mas adora praticar desporto. Gosta de correr e de jogar ténis e futsal.

manchete

i	Periodicidade:	Diária	Temática:	Internacional	
	Classe:	Informacão Geral	Dimensão:	2049	
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor	
10-12-2014	Tiragem:	80000	Página (s):	28/29	



Os temas que mais preocupam a sociedade britânica e que estarão em discussão na próxima campanha eleitoral são a economia, a imigração, a Europa e os investimentos públicos na saúde e educação

CATARINA CRAVEIRO

responsáveis pela asfixia financeira sentida no Reino Unido que é o despesismo na administração pública. Não tem sabido propor alternativas exequíveis e vive muito dos casos internos que vão sendo registados no Partido Conservador. O partido não está em torno do seu líder para conseguir obter uma maioria absoluta nas próximas legislativas. No entanto, uma vitória não vai colocar em causa a sua legitimidade para ser chefe de governo. O discurso judicialista dos últimos tempos pode afastar os grandes contribuidores financeiros do partido. Ed Miliband tem um discurso muito à esquerda, mas não conseguiu centrar o seu debate porque ficou refém da ala esquerda. O facto de o Partido Trabalhista ter ficado muitos anos no poder é um factor desfavorável à actual liderança.

Tony Blair é um crítico ou um apoiante de Ed Miliband?

O antigo primeiro-ministro britânico tem adoptado uma posição equidistante, apesar de algumas palavras favoráveis a Ed Miliband. No momento em que Tony Blair legitima a actual liderança do Partido Trabalhista, isso significa que esta vai a jogo nas eleições legislativas que se realizam no próximo ano. Caso a opinião de Tony Blair fosse no sentido de criticar Ed Miliband, estaria a ajudar os críticos, em particular Gordon Brown e Allan Johnson. A participação de Tony Blair ao lado de Ed Miliband na campanha eleitoral depende dos assuntos que estiverem em cima da mesa. Se os temas visarem temas internacionais, o homem que entregou a liderança do Reino Unido a Gordon Brown não vai participar na campanha.

Como descreve o UKIP (United Kingdom Independence Party)?

O partido liderado por Nigel Farage tem de ser analisado sob o ponto de vista britânico. É um partido praticamente inexistente nas eleições autárquicas e legislativas, mas que obteve um bom resultado nas últimas europeias. Os votos que ganha devem-se ao discurso contra o centralismo de Bruxelas. Não querem o euro nem o Banco Central Europeu, sendo o mercado único aquilo que lhes interessa. O UKIP está num extremo que coincidirá com a extrema-esquerda ideológica e continental, que também é contra os poderes instalados em Bruxelas. A dúvida é saber como é que o UKIP transforma uma agenda focada nos problemas europeus nas questões nacionais. A única forma de dar esse salto é abordar as questões económicas sem colocar as culpas na União Europeia. Nas próximas eleições tem de ter uma alternativa sobre investimentos públicos e propostas para reduzir os impostos sobre as empresas. Neste momento, não há ideias nem rostos para cada uma destas áreas. O partido não tem muito dinheiro, sendo dependente da figura de Nigel Farage.

Quais são as grandes preocupações da sociedade britânica?

Os temas europeus dividem a população. O crescimento do UKIP nas eleições europeias mostra a desconfiança dos britânicos em relação às atribuições do Parlamento Europeu. Embora haja medo em relação à economia, existe uma noção de blindagem pelo facto de o Reino Unido não estar na zona euro. Os britânicos têm tido um comportamento céptico em relação à imigração ilegal. A evasão fiscal e os crimes de colarinho branco também estão no topo das preocupações.

O empate técnico nas sondagens vai criar problemas na formação de um governo?

Neste momento há incerteza quanto ao resultado das eleições legislativas. David Cameron devia estar mais confortável em termos eleitorais por causa dos resultados eleitorais e da frágil liderança de Ed Miliband. Está em aberto a possibilidade de existirem coligações ou acordos de incidência parlamentar, embora não haja condições para um governo composto pelo Partido Conservador e o UKIP. Os liberais-democratas estão com pouca capacidade porque são uma força europeísta. É possível que o UKIP retire um mandato ao Partido Trabalhista. Uma futura coligação vai ser indesejada pelo vencedor.

Quais vão ser os temas da campanha?

Os assuntos que estarão em cima da mesa serão os resultados económicos e o investimento na saúde e na educação, além das questões europeias e da imigração. O Partido Trabalhista tem de fazer uma campanha pela manutenção na União Europeia. Por seu lado, o Partido Conservador vai estar dividido neste tema, porque alguns membros entendem que é necessário renegociar. O tema da Escócia pode ser uma bandeira de David Cameron.

O sistema bipartidário é perfeito?

Em termos ideológicos, o sistema assenta em duas grandes famílias, mas que são disfuncionais. No bipartidarismo, os partidos não caem na malha do apodrecimento ideológico. Ele oferece estabilidade às governações. O modelo britânico é mais claro, mas em tese é preferível um parlamento que reflicta as cores da sociedade.

Quais são as origens dos partidos com assento parlamentar?

Os maiores partidos têm uma vocação local. O Partido Trabalhista tem mais implementação no norte de Inglaterra e sul da Escócia. Por sua vez, os conservadores são um partido nacional de Inglaterra. É nítida a diferença ideológica entre os dois partidos do arco da governação. Os liberais-democratas são uma força com raízes escocesas. O UKIP carece destas características e implementação que resultam em mandatos parlamentares.

A Câmara dos Comuns é um lugar especial?

A força de Westminster é importante para percebermos as razões porque se preservam as rotinas e a história parlamentar. O bipartidarismo é um factor de garantia das práticas parlamentares, como é o caso do debate e da dialéctica. Os membros do governo têm de ser deputados.